

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. MARTIN ALMAGRO BASH.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1948 | Número: 58

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Martin Almagro Bash. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 364-367.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

investigadores não dispuseram, infelizmente, de tempo bastante para percorrerem as antigas estradas na direcção da Mauritânia Oriental ou Cesariana, ao longo da zona costeira do norte, onde existiram as estações de *Ad sex insulas* (Alhucemas), *Russadir* (Melilla), etc.

O interessante estudo é seguido de 29 fotografuras reproduzindo diversos aspectos de ruínas da Mauritania, entre as quais alguns venerandos vestígios da gloriosa ocupação portuguesa; e vem também documentado com seis trechos avulsos da carta geográfica marroquina, que teria sido preferível apresentar ligados, num único mapa, desdobrável, abrangendo todo o conjunto da rede de vias e povoações romanas. O Sr. Gallent, que desenhou esses fragmentos da carta, esqueceu-se também de marcar a escala, que é falta lamentável.

---

**Martin Almagro Basch. I — *Prehistoria del Norte de Africa e del Sahara español*. Vol. de 220 x 280 mm., 302 págs. e 261 gravuras. Barcelona, 1946. Publicação do Instituto de Estudios Africanos (Consejo Superior de Investigaciones Científicas).**

**II — *Dos buenos retratos femininos romanos hallados en Ampurias*, separata da Revista "Ampurias", vol. IX. Barcelona, 1947.**

I — Após uma viagem de estudo, realizada em 1944, ao Norte de África, o Prof. Martin Almagro Basch publicou, no tomo VII-VIII da Revista "Ampurias", um artigo sobre a estação neolítica das *sebjas* de Taruma, no Sara espanhol, do qual oportunamente demos notícia, a pág. 336 do vol. LVI da "Revista de Guimarães". Esse artigo, e outros publicados anteriormente sobre a arte pré-histórica do Sara, constituíam apenas, conforme o A. anunciou então, simples estudos parcelares de uma obra de maior fôlego, que ele se propunha publicar sobre a Pré-história do Norte de África. Essa obra, que traz a data de 1946, veio agora a lume em magnífica edição do Instituto de Estudios Africanos.

Mais uma vez se verifica, neste importante tra-

balho, a fecunda operosidade e capacidade científica dos actuais mestres espanhóis de Arqueologia e de Pré-história, entre os quais se conta, como um dos primeiros, o Prof. Martin Almagro. A Espanha pode orgulhar-se, de facto, do núcleo verdadeiramente notável dos Professores que ali ministram hoje o ensino das Antiguidades, cientistas eminentes que sabem criar discípulos. Basta citar nomes como os dos catedráticos Martin Almagro, Alberto del Castillo, Luís Pericot, Garcia y Bellido, Cayetano Mergelina, Martinez Santa-Olalla, Hoyos Sainz, Mata Carriazo, e tantos outros.

O Prof. Martin Almagro divide este seu novo e importantíssimo trabalho em duas partes fundamentais. A primeira tem um carácter didáctico, constituindo uma introdução à pré-história norte-africana, e dá-nos um esquema geral das culturas primitivas que ali se desenvolveram. Na segunda parte revela-nos o resultado das suas descobertas e investigações pessoais naquelas regiões da África espanhola, e apresenta simultaneamente diversos materiais inéditos, que foram postos à sua disposição, e se devem a pesquisas de outros exploradores.

Depois de passar em revista, no primeiro capítulo da 2.<sup>a</sup> parte, o estado actual das investigações espanholas no Sara, que considera incipientes, dá, no capítulo imediato, relação e descrição, documentada pela imagem, de uma grande abundância de materiais (constituídos principalmente por instrumentos líticos e cerâmicas) recolhidos em 94 estações arqueológicas.

Seguidamente, dedicou o novo capítulo à arte pré-histórica sariana, gravuras e pinturas rupestres (estas últimas em menor número) que os indígenas ali classificam de «pedras escritas», tal como o povo entre nós, relativamente às nossas gravuras pré-históricas. A arte rupestre norte-africana é essencialmente animalista, apresentando muitos desenhos de uma grande beleza e realismo de atitudes. Por vezes essas figuras aparecem associadas a inscrições em caracteres líbio-berberes. O apogeu dessa arte parece ter sido atingido no período neolítico. Almagro fixa-lhe, de um modo geral, os limites entre 5000-1000 a. C., e atribui tais manifestações aos povos que no Norte de África desenvolveram a chamada Cultura capsense. Todavia,

reconhece que, no sul e oeste do Sara, esta arte sobreviveu até aos séculos IV a VII da era cristã. Muitas destas gravuras encontram-se em pedras avulsas, e, como tal, devemos considerá-las arte mobiliária, e não rupestre.

Menciona depois o A. um grande número dessas estações sarianas de arte rupestre, acompanhando a sua descrição de abundantes reproduções pelo desenho e pela fotografia. Algumas das gravuras pré-históricas são notavelmente perfeitas, e de uma sugestiva beleza de atitudes, como as reproduzidas nas estampas: 147 (*touro*); 174, 187, 209 e 213 (*avestruzes*), 205 (*antílope*), 237 (*girafa*), etc.

Por fim, o último capítulo deste importante livro consagra-o o A. ao estudo de alguns restos de curiosas construções e túmulos ante-islâmicos do Sara espanhol. O precioso volume, que termina com um índice onomástico e toponímico, é simpaticamente dedicado pelo A. ao Exército espanhol de África, «mantenedor del espíritu heroico, civilizador y misionero de España».

Também os portugueses alinharam com os espanhóis, entre os primeiros pioneiros do Norte de África, e ainda hoje o nosso antigo domínio ali se vê assinalado em numerosas ruínas de fortalezas, que nos falam de um passado glorioso, acerca do qual escrevemos com sangue algumas das mais belas páginas da nossa História. Missão científica semelhante à que os investigadores espanhóis estão realizando nessas terras, que foram nossas e deixámos perder, deveríamos levar também a cabo nos vastos domínios que ainda hoje possuímos no continente negro. Infelizmente o estudo da arqueologia, da pré-história e da paleontologia dos extensos territórios de Angola e Moçambique estão quase por iniciar. A' excepção dos estudos de Mendes Correia, Santos Júnior, Lerenó Antunes Barradas e poucos mais; de alguns louváveis trabalhos de prospecção realizados ultimamente por iniciativa dos serviços culturais da Companhia dos Diamantes de Angola, no hinterland dessa Província, e das recentes missões antropológicas a Moçambique, quase nada se tem levado a efeito na nossa África, no campo de investigação relativo àquelas ciências. Outro tanto se não pode dizer, em verdade,

com respeito aos estudos etnográficos modernos dessas nossas terras ultramarinas, que são numerosos, se bem que muitos deles careçam de valor e de método científico.

II — Em separata do vol. IX (ainda não publicado) da opulenta revista barcenolesa «*Ampurias*», distribuiu já o Sr. Prof. Martin Almagro um interessante estudo sobre duas cabeças de damas romanas, preciosas esculturas achadas nas ruínas de *Ampurias*.

A primeira, em tamanho natural, de mármore branco, foi descoberta pelo A. nas escavações realizadas em 1947, e pertence actualmente ao Museu Arqueológico de Barcelona. Obra de arte de excelente técnica e rara beleza, considera-a o eminente Professor dos primeiros anos do Império. O mármore deve ter sido copiado de algum modelo obtido por meio de um molde de cera colocado directamente na cara da pessoa morta que se pretendia retratar. O ar de realismo e vigor de expressão que a escultura apresenta levam a supor que fosse essa na verdade a técnica usada pelo desconhecido artista. A propósito desta bela cabeça faz Martin Almagro judiciosas e muito eruditas considerações, de ordem histórica, artística e etnográfica, mostrando o eminente Professor, mais uma vez, a sua alta competência, não só como arqueólogo e etnógrafo, mas ainda como crítico de Arte.

A outra cabeça de mulher é um bronze, também procedente de *Ampurias*, onde foi achado em 1893, mas só em 1936 deu entrada no Museu de Barcelona. A esta escultura se têm referido largamente outros autores. E', como a cabeça anteriormente mencionada, em tamanho aproximado do natural. Ostenta um volumoso e complicado penteado. As órbitas são cheias com uma incrustação de mármore branco, e a iris é de basalto negro, o que dá a esta cabeça uma singular força de expressão e de vida. E' considerada por Almagro o retrato de uma grande dama romana, do final do séc. I da era cristã, entre as épocas de Tito e de Domiciano.

---